

Nietzsche: a insatisfação como estímulo para a afirmação da vida

Nietzsche: dissatisfaction as a stimulus for the life-affirmation

RICARDO RODRIGO FRANÇA DA SILVA¹

Resumo: Este artigo busca compreender como a insatisfação age como estímulo para a afirmação da vida. A noção de satisfação e insatisfação, assim como a noção de estímulo, são recorrentes nos fragmentos póstumos de 1880, após *Humano I*. O filósofo, em *Humano I*, concebe a busca pelo prazer e fuga do desprazer como causa das ações. Depois de investigar como o espírito livre e o espírito cativo lidam com o desprazer, essa noção de causa é substituída. O desprazer e a descarga fazem com que o filósofo considere que há algo anterior a tais afetos, e a noção de insatisfação e estímulo, assim como outros conceitos utilizados para representar o sentido interno do corpo em sua relação com forças exógenas, abrem caminho para o que Nietzsche mais tarde chamará de vontade de potência.

Palavras-Chave: Estímulo. Insatisfação. Satisfação.

Abstract: This paper seeks to understand how dissatisfaction works as a stimulus to the statement of live. The notion of satisfaction and dissatisfaction, as well as the notion of stimulus, are recurrent in the posthumous fragments of 1880, after *Human I*. The philosopher, in *Human I*, conceives the search for pleasure and escape from displeasure as the cause of actions. After investigating how the free spirit and the captive spirit deal with displeasure, this notion of cause is replaced. Displeasure and discharge make the philosopher consider that there is something prior to such affections, and the notion of dissatisfaction and stimulus, as well as other concepts used to represent the internal sense of the body in its relationship with exogenous forces, open the way for what Nietzsche will later call it the Will to Power.

Key words: Stimulus. Dissatisfaction. Satisfaction.

O presente artigo é um recorte do terceiro capítulo de uma pesquisa de mestrado ainda em andamento, a qual estuda o abandono da noção de prazer e desprazer como causa das ações, noção circunscrita ao período de *Humano I*. No período de 1878, Nietzsche fazia duas considerações acerca de prazer e desprazer. A primeira é a de que prazer e desprazer são ilusões, erros necessários, como aponta: “é possível permanecer conscientemente na inverdade? [...] O conhecimento só pode admitir como motivos o prazer e o desprazer, o proveitoso e o nocivo: mas como se arrumarão esses motivos com o senso de ‘verdade?’. Pois eles também se ligam a erros” (NIETZSCHE, 2020, p. 39). A segunda consideração acerca do prazer e do desprazer é a de que a busca pelo prazer e a fuga do desprazer são causa das ações:

¹ Discente do curso de Filosofia da Unioeste. E-mail: rodrigo.ricardo.franca@hotmail.com.

[...] na medida em que há um *prazer* na ação (sentimento da própria potência [*Macht*], da intensidade da própria excitação), a ação ocorre para conservar o bem-estar do indivíduo, sob um ponto de vista similar ao da legítima defesa, ao da mentira por necessidade. Sem prazer não há vida; a luta pelo prazer é a luta pela vida. Se o indivíduo trava essa luta de maneira que o chamem de *bom* ou de maneira que o chamem de *mau*, é algo determinado pela medida e a natureza de seu intelecto (NIETZSCHE, 2020, p. 74-75).

Nietzsche considerava que prazer e desprazer eram causas das ações tanto para o homem de rebanho, o espírito cativo, quanto para o homem que do rebanho se dissociava, ou seja, o espírito livre. Ambos tinham suas ações concebidas como fuga do desprazer e busca pelo prazer. Nesse período afirmar a vida era afirmar o sentimento de prazer. No entanto, para Nietzsche o que diferenciava ambos era o modo como cada qual vivenciava o prazer e o desprazer. O homem cativo, diante de um afeto próprio, recorrerá à moral de rebanho para saber se tal afeto poderia ser aceito ou não pelo grupo. A resultante social desse modo de lidar com os afetos é o utilitarismo, ou seja, busca-se o máximo de prazer para o maior número de pessoas, o prazer do útil e agradável para o rebanho. Por sua vez, o espírito livre pergunta para os seus próprios afetos, e dá um destino para eles, não se importando com os juízos de valor morais e utilitários sobre o afeto singular. Em outras palavras, ele tem uma relação mais imediata com os próprios afetos, sem recorrer aos conceitos cristalizados propagados pela linguagem de rebanho. O espírito livre não se contenta com um prazer narcótico que não proporciona mais satisfação [*befriedigung*], não se contenta com uma satisfação que proporciona o prazer do repouso, ou um prazer repetitivo que não permite novas satisfações, novas qualidades.

A relação do espírito livre com o desprazer, em contraste com a relação do espírito cativo com esse afeto, leva o filósofo a investigar o que estaria por trás desse sentimento. Nietzsche constata que no caso do santo e asceta o sentimento de prazer está na fonte de sua fé, esse sentimento é retido pelos juízos e avaliações da linguagem cristalizada pelas religiões, instituições, e filosofias metafísicas, permitindo que elas se nutram da vitalidade dos homens, dissolvendo toda a possibilidade de singularidade em discursos de um sentido só. Em *Humano I* o filósofo considera que no santo asceta há um sentimento forte que busca a descarga, e juízo emitido, a qualidade que nomeia a descarga, é arbitrária e depende dos estímulos que o ambiente ou a cultura permite, ou das características endógenas do organismo em relação com o seu meio, se este tem predisposição para romper com a calma e criar, ou se vai reproduzir repetidamente as formas já cristalizadas. A linguagem poética e criadora seria a forma autêntica e singular; a linguagem de rebanho, por sua vez, acabava parasitando o corpo, e drenando a vida.

Assim, no santo asceta o que há é um afeto forte que se descarrega: “O que realmente lhe importa, portanto, é a descarga [*Entladung*] de sua emoção; para aliviar

sua tensão, pode juntar as lanças dos inimigos e enterrá-las no próprio peito” (NIETZSCHE, 2020, p. 99). O cristão descarrega os afetos sobre si mesmo, ou sobre os demais, buscando conservar apenas o prazer e fugindo do desprazer, pois, como afirma em um fragmento póstumo de 1880 “A imagem do próximo, seja qual seja o modo como nós a imaginemos, é um produto de uma plenitude que deseja descarregar-se, um vazio que deseja preencher-se – é sempre um estado fisiológico, para o qual não temos um objeto específico próprio” (NIETZSCHE, 2008, p. 518).

A linguagem de rebanho oferece meios possíveis para descarregar a soma de excitação, mas ao longo do tempo, esses meios tornam-se opressivos e insuficientes. Surge o desprazer, e o asceta ou santo o reinterpreta, mantendo-se cativo em um ciclo vicioso de prazer e descarga de excitação repetitiva, que não comporta a novidade, hostilizando-a e denominando-a como algo prejudicial para o grupo. Com isso, a satisfação do desejo [*Begierde*]², que é singular e diferente para cada espírito livre, passa a ser demonizada e contida em representações cristalizadas, cativas, fazendo com que os homens tornem-se cativos de um prazer narcótico, e repetitivo, que não comporta a novidade, novos estímulos, novas possibilidades de satisfação e descarga do desejo, da carga de excitação interna.

No entanto, Nietzsche, ao se debruçar sobre como o espírito livre lida com o desprazer, percebe que o homem que se dissocia do rebanho não o nega, não separa prazer e desprazer como opostos absolutos, mas tenta ouvi-lo, considerando-o como uma questão, cabendo a quem é interrogado descobrir o que se opõe a essa questão interior. Para o filósofo “a dor é um meio muito mais sensível que o prazer – a dor pergunta sempre pela causa, enquanto o prazer tende a ficar consigo mesmo” (NIETZSCHE, 2001, p. 64). Esse anseio, inicialmente sentido como desconforto, se considerado como uma questão pode revelar-se como um novo prazer, como aponta Nietzsche:

Aquilo que se opõe. – Podemos observar o seguinte processo em nós mesmos, e eu quisera que ele fosse frequentemente observado e confirmado. Nasce em nós o pressentimento de uma espécie de *prazer* que ainda não conhecemos, e, em consequência, nasce um novo anseio. A questão é o que se opõe a este anseio (NIETZSCHE, 2004, p. 81).

Há uma insatisfação [*Unbefriedigung*], um mal estar, que não pode ser abarcado pela linguagem de rebanho. É sobre essa questão que Nietzsche investiga o que estaria para além dos sentimentos de prazer e desprazer, e utiliza como ferramentas e

² Outra palavra utilizada para desejo, e que é bastante recorrente nos fragmentos póstumos, é *Lust*. Ela é utilizada também quando Nietzsche fala sobre o prazer referente ao homem de rebanho, enfatizando o prazer e o desejo quando emergem na consciência, ou seja, já interpretado pela linguagem. *Begierde*, por sua vez, refere-se ao desejo que ainda não encontrou qualidades para se satisfazer, e que impulsiona para a criação. Diferentemente de *Lust*, *Begierde* é utilizada para enfatizar o processo inconsciente e fisiológico que o antecede.

metáforas a linguagem científica e fisiológica de sua época. Em outras palavras, a questão de Nietzsche é saber o que está para além de prazer e desprazer como causa das ações? Questão essa que o presente recorte pretende se debruçar, dado que a noção de estímulo [*Reiz*], como veremos, foi de primeira importância para as novas elaborações nietzschianas após *Humano I*.

Ao tentar elucidar essa questão no período de 1880 e 1881, nos deparamos com outros aspectos que mereceram a devida atenção. Um deles é a noção de insatisfação, a questão acerca do que é a insatisfação para Nietzsche? E ainda: como a insatisfação pode ser considerada como um estímulo para a afirmação da vida? O que é vida para Nietzsche? Questões que tentaremos abordar no presente artigo.

Contudo, ainda em 1881, insatisfação é um conceito que aparece nos fragmentos póstumos, circunscrito dentro da noção de estímulo e impulsos, embora já viesse sendo preparada através da noção de descarga do afeto em *Humano I*. A noção de estímulo é utilizada no período de 1880 e 1881, quando Nietzsche lê a obra do embriologista Wilhelm Roux, como aponta:

A linha de argumentação de Nietzsche é baseada na obra do anatomista Wilhelm Roux. O próprio título desse livro já sugere isso: *A luta das partes no organismo: Uma contribuição para a conclusão da doutrina do finalismo mecanicista*. O livro de Roux foi publicado em 1881 e estava na biblioteca de Nietzsche; ele provavelmente o adquiriu logo após a sua publicação. Em todo caso, uma primeira utilização da pesquisa de Roux aparece nas notas da primavera-outono de 1881. A partir dessa época, Nietzsche usa termos específicos de Roux, em parte com ligeiras modificações, para descrever o processo orgânico. Assim, ele fala de “autorregulação”, “abundante substituição” [*überreichlichem Ersatz*] e “estímulo vital” (MÜLLER-LAUTER, 1999, p. 163).

Essa leitura é de suma importância para a pesquisa a qual o presente artigo se articula, pois a noção de prazer e desprazer como causa das passa a ser questionada, aprofundada, e retrabalhada, de modo que em seu período maduro prazer e desprazer passam a ser considerados como fenômenos terminais, como sintomas. Ao falar sobre estímulo, o filósofo começa a conceber uma dinâmica interna ao organismo, ao corpo humano, e nessa concepção a noção de satisfação e insatisfação está relacionada aos estímulos internos e externos que facilitam ou inibem a satisfação e a insatisfação. Apresentados esses aspectos gerais, vamos agora expor algumas formas de manifestação dessa insatisfação, ou seja, como ela se presentifica no corpo, e na consciência, como o organismo é inibido ou facilitado pelos estímulos em sua busca por satisfazê-los.

Um dos sinais experimentados pela consciência é o sentimento de atividade. O humano não busca somente a adaptação³, mas sim a capacidade de buscar expandir os meios de satisfazer os próprios impulsos. O filósofo, em um fragmento póstumo de 1880, aponta que “Se é ativo porque tudo o que vive tem que mover-se – não pelo gozo [*Freude*], mas ao infinito: ainda que haja gozo. Este movimento não é a imitação dos movimentos utilitários, que perseguem um fim, é outra coisa” (NIETZSCHE, 2008, p. 495), ou seja, a repetição da felicidade estacionária, resultante da adaptação, não é principal manifestação da vida, mas sim o sentimento de atividade.

O desejo sexual, e o deixar-se consumir por uma paixão singular, também são manifestações das forças endógenas que buscam a descarga e a satisfação. Sobre a paixão, seja qual for os objetos tomados por ela, o filósofo aponta que “Como surge o impulso [*Trieb*], o gosto, a paixão [*Leidenschaft*]? Esta última sacrifica a si outros impulsos que são mais débeis (outras ânsias de prazer) [...] Um impulso domina outros impulsos, inclusive o assim chamado impulso de autoconservação!” (NIETZSCHE, 2008, p. 770)⁴. Assim, a paixão aponta para o singular em detrimento do homogêneo: “Não há sensação que possa ser mais tibia e frágil do que a de uma humanidade que se creia unida ou, ao menos, todos iguais. A sensação mais sublime, a do amor paixão, radica precisamente no sentimento da mais extrema diversidade” (NIETZSCHE, 2008, p. 493). Lutar por essas manifestações muitas vezes é prejudicial ao organismo, do ponto de vista da moral, pois lutar por um desejo ou uma paixão singular muitas vezes requer abrir mão da autoconservação e da moral utilitária dos grupos⁵, como aponta o filósofo: “Sim, por causa desta paixão perecemos! Mas isso não é um argumento contra ela. Se não, a morte seria um argumento contra a vida do indivíduo. Temos que perecer enquanto homens e enquanto humanidade!” (NIETZSCHE, 2008, p. 703). Assim, vida, no período anterior ao *Zarathustra*, é a expansão das possibilidades de descarregar e satisfazer as forças endógenas que se manifestam no corpo, o que é sentido como movimento “Todo o vivo se move; esta atividade não responde a fins precisos, é a vida mesma. A humanidade em conjunto é, em seus movimentos, algo desprovido de fins e objetivos” (NIETZSCHE, 2008, p. 498).

³ De acordo com Frezzatti, em seu livro *Nietzsche contra Darwin* (2001), Roux é um forte crítico da noção de adaptação proposta pelo Darwinismo. Frezzatti analisa a relação entre Nietzsche e o Darwinismo, assim como os sentidos do darwinismo depois de obra magna de Darwin. Com o darwinismo, o utilitarismo começou a fundamentar a moral utilitária cientificamente. Assim, as críticas de Roux ao darwinismo forneceram argumentos para Nietzsche fundamentar a ideia de que o mais fundamental é a vida como superação e não como adaptação.

⁴ Nachlass/FP 1881 II [56]. No referido fragmento, Nietzsche aponta ainda que separar-se do rebanho é a condição necessária para começar a reconhecer o desejo interno, o sentido interno dos impulsos e estímulos do corpo.

⁵ Ribeiro (2012), em seu livro *Psiquismo e Vida: sobre a noção de Trieb nas obras de Freud, Schopenhauer e Nietzsche*, afirma que: “Em muitas circunstâncias, a pessoa busca o que a faz sofrer e evita o prazer, enquanto o pressuposto lógico seria o contrário” (RIBEIRO, 2012, p. 284).

A insatisfação e impossibilidade de descarga das forças endógenas agem como um estímulo, que é sentido como desprazer, dado que exerce uma pressão interna constante, forçando o corpo a romper com a homeostase e adaptação ao meio cultural. Estímulo, tensão, e descarga são equiparadas em uma complexa dinâmica fisiopsicológica no seguinte fragmento:

O estímulo [*Reiz*] sexual em ascensão alimenta uma tensão que se descarrega no sentimento de potência [*Macht*]: querer dominar – signo dos homens mais sensuais. A tendência minguanete do impulso sexual [*Geschelechtriebes*] se mostra no declinar da sede de potência: a conservação, a alimentação e, às vezes, o prazer no comer passam a substituí-la (o impulso paternal é manter, ordenar, nutrir, não dominar, mas criar o bem para si e para os outros). Na potência está o sentimento prazeroso de causar dor – estimulação intensa de todo o organismo que deseja em todo momento vingar-se. Nesse estado os animais lascivos, esquecendo-se de seus impulsos, são os piores, os mais brutais (NIETZSCHE, 2008, p. 613).

Desprazer, desejo, estímulo, pressão interna, excitação e impulso são os nomes que Nietzsche utiliza para dar um sentido para os movimentos internos do corpo que buscam a descarga e a satisfação, como aponta também no seguinte fragmento, e a configuração resultante dessa dinâmica depende da linguagem e dos estímulos externos ao seu meio:

O desejo [*Begierde*]! Não é algo simples, elementar! Em vez disso, é necessário distinguir, algo que urge (uma pressão [*Druck*], um impulso [*Drängen*], etc) e um meio, conhecido por experiência, com que remediar essa urgência. Surge assim um vínculo entre urgência e meta [*Ziel*], como se a urgência quisesse de antemão alcançar aquela meta. Não existe em absoluto tal querer. Tão errôneo é o “tenho vontade de urinar”, como o “quero o urinol” (NIETZSCHE, 2008, p. 597).

Há quantidades endógenas que se expressam encontram em seu caminho os estímulos, a linguagem, as qualidades que o meio ambiente oferece. Essa linguagem pode colonizar um corpo, mas o corpo também pode servir-se dela para criar algo. No primeiro caso temos o espírito cativo com a sua vida drenada pela moral, no segundo, o espírito livre com suas ficções poéticas, ou seja, uma relação poética com a linguagem, sem cristalizar as palavras em um sentido único e fixo. Conceitos e palavras são arbitrarias, meios expansão e descarga de impulsos: “os fins últimos não podem ser alcançados mediante conceitos: só podemos ver fins porque temos impulsos [*Triebe*] prévios. Até onde podem chegar nossos impulsos [*Triebe*], disso nada sabemos” (NIETZSCHE, 2008, p. 607). O que importa é a descarga da pressão, a satisfação do desejo: “há uma pressão e uma necessidade, segundo, um meio de liberar-se dela, terceiro, um hábito a recorrer a ele, tão logo a razão o coloque em nossas mãos” (NIETZSCHE, 2008, p. 595), em outras palavras, há uma “Necessidade

de desencadear uma excitação [*Erregung*] plena e crescente por meio de uma excitação [*Erregung*] que nos descarregue” (NIETZSCHE, 2008, p. 751), forças endógenas que interagindo com forças exógenas.

Como visto, no período após *Humano I* até fragmentos póstumos de 1881, Nietzsche se debruça sobre a questão do desprazer e da insatisfação, e constata que tais fenômenos são muito mais complexos do que pregam o utilitarismo das instituições e da linguagem religiosa. O filósofo emprega as metáforas vistas acima para nomear os movimentos endógenos. O resultado da incursão nietzschiana pode ser verificado em um fragmento póstumo do período de 1888, a saber:

A normal insatisfação de nossos impulsos [*trieb*], a fome, o impulso sexual, o impulso motriz, apesar do que os pessimistas dizem, não contém nada de deprimente; atua estimulando o sentimento vital, e reforça todo o ritmo de excitações dolorosas. Essa insatisfação, em vez de tirar o gosto pela vida, é um grande estimulante. Poder-se-ia definir o prazer de modo geral como um ritmo de pequenas excitações de desprazer (NIETZSCHE, 2008, p. 389).

Desse modo, com os fragmentos acima, fica provado que há um afeto interno que busca descarregar-se, e não se contenta com o prazer narcótico e repetitivo da moral e dos estímulos que ela fornece. Os organismos humanos, corpos, que tomam esse desconforto como uma questão a ser respondida constatam que precisam criar a partir de si, e não mais se orientar por representações que parasitam o corpo. O desprazer aponta para a singularidade, e o prazer narcótico cede lugar para o prazer sentido ao vencer as resistências internas e externas, o prazer que se sente diante da polissemia de sentidos, da quebra da homeostase diante de um novo estímulo. Esse desprazer, por sua vez, age como um estímulo pela busca de satisfação, fazendo com que o organismo não mais adoeça de tanto se contentar com a insatisfação. Desejo, excitação, pressão interna, o sentimento de atividade, o gosto, e a dedicação ao objeto ou atividade pela qual se tem paixão, são os exemplos dados por Nietzsche nesse período. Essa concepção posteriormente é aprofundada com a noção de impulso [*Trieb*], e mais tarde fundamenta uma concepção central na filosofia de Nietzsche, a saber, a vontade de potência.

Referências

FONSECA, E. R. *Psiquismo e Vida: sobre a noção de Trieb nas obras de Freud, Schopenhauer e Nietzsche*. Curitiba: Editora UFPR, 2012

FREZZATTI, Jr. W. A. *Nietzsche contra Darwin*. Discurso Editorial: São Paulo, 2001.

MÜLLER-LAUTER, W. *Nietzsche: His philosophy of contradictions and the contradictions of his philosophy*. Urbana and Chicago: University of Illinois Press, 1999.

NIETZSCHE, F *Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2020.

_____. *Fragmentos póstumos –Volumen II (1875-1882)*. Trad. Diego Sánchez Meca y Jesús Conill. Madrid Editora Tecnos, 2008.

_____. *Fragmentos póstumos –Volumen IV (1885-1889)*. Trad. Diego Sánchez Meca y Jesús Conill. Madrid Editora Tecnos, 2008.

_____. *Assim falou Zaratustra*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras: 2011.

_____. *A gaia ciência*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. *Digitale Kritische Gesmtausgabe Werke und Briefe (ekgwb)*. Disponível em: <http://www.nietzschesource.org>. Acesso em nov/2019.

Submissão: 12. 07. 2021 / Aceite: 19. 07. 2021